

**Cidade Saudável, suas estratégias e desafios****Apresentação**[por] *André M. Argollo Ferrão*

Chegamos ao final de mais um ano oferecendo ao público da Labor & Engenho o último número seriado deste prestigioso periódico eletrônico, já consagrado em sua área de abrangência — o L&E, v.12, n.4, out./dez., 2018. A partir do volume 13, em 2019, a revista Labor & Engenho passará a adotar o sistema de Publicação Contínua (PC), o que resultará em um fluxo contínuo de edição e publicação de artigos submetidos tão logo sejam aprovados em processo contínuo de avaliação/ editoração, independentemente dos 4 marcos mensais até então estabelecidos ao longo do ano com os números 1 (jan./mar.), 2 (abr./jun.), 3 (jul./set.) e 4 (out./dez.), abolindo, desta forma, a fragmentação em fascículos — ou números — trimestrais. Trata-se de uma tendência de otimização do processo editorial das revistas eletrônicas em todo o mundo.

Portanto, já a partir de janeiro de 2019, a numeração da revista será alterada, pois não mais serão vinculados os fascículos — ou números — ao volume 13. Tal mudança acarretará em uma série de alterações no que se refere aos metadados e à referência aos artigos a serem publicados pela Labor & Engenho. A revista se tornará muito mais dinâmica e ainda mais acessível. Novidades surgirão em 2019, o volume 13 da Labor & Engenho já estará no ar tão logo seja aprovado o seu primeiro artigo, no sistema de Publicação Contínua. Acompanhem.

O volume 12 da L&E se encerra com o número 4 (out./dez.), cujo tema central é a “Cidade Saudável, suas estratégias e desafios”. Neste número, a Professora Doutora Ana Maria Girotti Sperandio atuou como Editora Associada, a convite do Editor-chefe da Labor & Engenho, o Professor Doutor André Munhoz de Argollo Ferrão. De fato, por se tratar de um tema muito afeto a sua trajetória acadêmica, a participação de Ana Sperandio foi essencial.

Formada em Ortóptica pela Universidade Federal de São Paulo em 1984, Ana Sperandio, desde então não parou de evoluir academicamente. Tornou-se Especialista em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1988), depois Mestre (1995) e Doutora (2001) em Saúde Pública pela mesma Universidade de São Paulo. Em 2006 concluiu seu Pós-Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Pós-Doutoranda em Planejamento Urbano Saudável, Pesquisadora Colaboradora do Laboratório de Investigações Urbanas e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC-Unicamp). É Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa em Metodologias do Planejamento Urbano e Cidades Saudáveis e Coordenadora do Grupo de Estudos de Planejamento Urbano e Cidades Saudáveis na mesma FEC-Unicamp. Membro da International Geographical Union Commission on Health and the Environment (IGU CHE), foi Pesquisadora Visitante da UBC School of Population & Public Health (2011-2012), esteve também no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e participou do Grupo de Investigação em Geografia da Saúde, vinculado à Universidade de Coimbra, em Portugal (2016). Atua como Assessora Acadêmica no Centro Universitário de Jaguariúna, em Jaguariúna [SP], como Coordenadora Geral do Núcleo de Estudos e Pesquisas, e Professora Titular em Saúde Coletiva e Políticas Públicas em Saúde. É Editora-chefe da “Intellectus — Revista Acadêmica Digital”. Ana Sperandio é membro do Grupo de Trabalho de Promoção da Saúde e Desenvolvimento Sustentável da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Em suas pesquisas, ela atua principalmente no campo da Promoção da Saúde e do Planejamento Urbano Saudável com enfoque em: Cidades Saudáveis, Formação de Redes e Políticas Públicas Saudáveis.

Segue a Apresentação por parte de Ana Sperandio dos 8 artigos que compõem o presente número da revista Labor & Engenho bem como os seus respectivos autores. Acreditamos se tratar de um percurso de leitura altamente proveitoso ao leitor que se interessa ou nutre alguma curiosidade pelo tema das Cidades Saudáveis.

Nos dias de hoje, com o intenso crescimento populacional, o desenvolvimento urbano está sendo acometido devido a sua tendência desorganizada e particularizada ocasionando disfunções em diferentes áreas que compõem a cidade, inclusive a da saúde, que é afetada diretamente com situações de doenças geradas no interior da urbe, tais como ansiedade, hipertensão, diarreias, solidão, obesidade, dentre outras.

No Brasil, o modelo econômico adotado nos últimos anos prioriza, na maioria das vezes, investidores que repartem a cidade e que não representam os desejos da população em relação às suas vidas e suas necessidades, provocando a segregação dentro da mesma, resultado frequente da necessidade de agendas comuns. Em diferentes fóruns no mundo todo tem sido conclamado — inclusive por organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas e a Organização Mundial da Saúde — que as agendas se tornem convergentes nas cidades com o objetivo de dispor melhor qualidade de vida.

A saúde, deve ser entendida não como apenas ausência da doença, mas sim como acesso ao emprego, educação, cultura e lazer, saneamento básico, alimentação e moradia, dentre vários outros fatores que determinam e subsidiam o ser saudável. A promoção da saúde propõe um conjunto de estratégias para minimizar a doença e ampliar a saúde individual e coletiva mediante a uma fusão, articulação e coalizão dos setores públicos, privados e da sociedade civil em busca do bem viver, da paz, qualidade de vida e do saudável. Portanto aqui, neste volume *Labor & Engenho v.12, n.4, 2018*, considera-se planejamento urbano como uma ferramenta fundamental para se estabelecer parâmetros e vivências positivas de qualidade de vida.

O tema “Cidade Saudável” traz em sua expressão diversos sentidos positivos e desafiadores, as vezes considerados utópicos, mas a partir da aplicação das estratégias propostas por diferentes órgãos nacionais e internacionais e de experiências práticas é possível, sim, potencializar o processo de desenvolvimento da cidade saudável — aqui entendida como uma cidade dinâmica que constitui um campo de ações humanas em redes, individuais e coletivas, em que o planejamento urbano pode determinar a qualidade de vida e bem-estar da população.

Neste Volume da *Labor & Engenho* foram abordadas e contempladas desde a história, passando pelos impactos do planejamento urbano, até as convergências positivas para a cidade saudável.

O primeiro dos 8 artigos que compõem o presente número, intitulado *Cidades Saudáveis, estratégias e desafios em novos tempos*, foi escrito pela professora *Marcia Faria Westphal* da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. O artigo apresenta um modelo de desenvolvimento local — *Cidades Saudáveis*, que associado a novas agendas com as quais o país tem se comprometido, pode ajudar o Brasil a superar sua crise política, econômica e de valores, e enfrentar o atual processo de urbanização crescente, superando as iniquidades.

O segundo artigo, intitulado *Conexões entre o Planejamento Urbano e a Cidade Saudável*, foi desenvolvido por *Ana Maria Girotti Sperandio, Rafael Negrin Moreira, & Fernanda Bernardino*, pesquisadores do Laboratório de Investigações Urbanas da FEC-Unicamp. O texto indica que uma cidade para ser saudável deve considerar sua história, as gerações futuras, as potencialidades e necessidades locais através da valorização da participação social para o desenvolvimento de estratégias intersectoriais promovidas pelo planejamento urbano para a qualidade de vida de seus habitantes.

O terceiro artigo, intitulado *Cidades saudáveis, movimento que integra Planejamento Urbano e Saúde: uma análise dos principais enfrentamentos para sua implantação em Portugal e Brasil*, é de autoria de *Sanmya Feitosa Tajra & Paula Carnevale Vianna*, doutoras pela Universidade do Vale do Paraíba. As autoras propõem em seu artigo uma análise comparativa entre os enfrentamentos para a implantação do programa na Rede Portuguesa de Municípios Saudáveis (RPMS), estruturada há mais de 20 anos, e em experiências brasileiras utilizando a metodologia *Problem Structuring Methods* (PSM), mais especificamente, a construção de mapas cognitivos orientada pelo método *Strategic Options Development and Analysis* (SODA).

O quarto artigo, *Formação para Municípios Saudáveis: trajetória, experiência e desafios para a Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis*, é de Ronice Franco de Sá, Socorro Freire, & Rosane de Senna Salles, sendo a primeira autora sanitária e pesquisadora do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social da Universidade Federal de Pernambuco, a mesma Instituição das duas coautoras. O texto traz um relato sobre a trajetória da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis (RPMS), sua experiência e desafios específicos para a formação temática que realiza desde 2004, tendo como pano de fundo a reemergência do ideário das cidades saudáveis no contexto mundial.

O quinto artigo, sob o título de *O regramento ambiental de parcelamento do solo como instrumento para a Cidade Saudável no estado de São Paulo*, é de autoria de Livia Fernanda Agujaro, Juliana Fontes Lima Collaço, & Adonai Guimarães Pinto — respectivamente Doutora (a primeira) e Mestre (a segunda) em Engenharia Civil na área de Saneamento e Ambiente, e Engenheiro Ambiental (o terceiro autor). O artigo aponta que a cidade saudável deve prover qualidade ambiental a seus habitantes, com o zoneamento prevendo equipamentos urbanos que visem aos serviços ambientais e que preservem as funções ecossistêmicas do ambiente.

O Artigo 6, com o título de *Cidades Inteligentes são Cidades Saudáveis?* — de Márcia Maria Arco e Flexa Ferreira da Costa & Claudia Coelho Hardagh — coloca em pauta uma reflexão a partir da exploração de conceitos de obsolescência produtiva, hibridismo humano-tecnológico e conexão digital que se desenvolvem excluindo pessoas iletradas tecnologicamente.

A pesquisa de Jussara Conceição Guarnieri apresentada no artigo 7 com o título de *Atividades físicas no contexto urbano saudável: a experiência de Conchal [SP]* ressalta que o trabalho em rede e intervenções na cidade, com apoio do governo local, estadual e federal, pode reduzir o sedentarismo.

O oitavo e último artigo do presente número propõe uma reflexão sobre *Assentamentos urbanos e autoconstrução: inserção na cidade saudável*. O trabalho das arquitetas urbanistas Adriana Aparecida Carneiro & Rosa Evandra Ramos Victório aborda a importância que uma proposta de intervenção interdisciplinar para esses espaços urbanos pode representar ao reduzir o impacto nas áreas mais vulneráveis e, conseqüentemente, transformar a infraestrutura melhorando o ambiente de forma geral na inserção da cidade saudável.

Cabe salientar, por fim, que todos os artigos componentes do presente número da Labor & Engenho declaram e apontam para a necessidade de se trabalhar sob o enfoque transdisciplinar, dispondo-se de tecnologias leves, contando com o envolvimento dos gestores e a aproximação de estratégias de promoção da saúde às do planejamento para se alcançar a cidade saudável.

Desejamos que o leitor da Labor & Engenho desfrute de prazerosa leitura, cujo conteúdo valioso e pertinente possa inspirá-lo a realizar ações saudáveis que motivem a sua comunidade a converter o seu território — este, sim, o maior patrimônio que uma comunidade possui — em sistemas territoriais integrantes de Cidades Saudáveis.

EDITOR IN CHIEF

**André Munhoz de Argollo Ferrão**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ASSOCIATED EDITOR INVOLVED IN THIS ISSUE

**Ana Maria Girotti Sperandio**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JAGURIÚNA

**Labor & Engenho** 

Campinas [SP] Brasil, v.12, n.4, out./dez. 2018.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS